

## ANUÁRIO

**Anselmo Gomes**  
anselmogomes@ufpa.br

### **Janeiro**

Lavadas as calçadas do peito  
Penduram-se os dragões nos varais  
850° fôlego  
Na cova do primeiro ar da madrugada  
O bebê que esquecemos  
Torna a pedir colo  
Leite  
Luz  
E na balança dos nossos dias  
Volvemos na crença  
Da nossa falível maternidade

### **Fevereiro**

Lâmpadas coloridas  
Nas pontas dos dedos dos pés  
Fios de sol nos cabelos  
Arroios de som vazados para o estômago  
Gozo pré-coito  
Ave pré-dia  
Sonho pré-sono  
É que o mundo é mole  
Quando se gira  
É que é curta (sempre)

Esta oferenda de felicidade

## **Março**

Cavalos marinhos e Frida Kahlo  
A verdade são dois olhos maciços  
Receita-se credos dominicais  
E meninos com pele de chuva  
Esquivando-se do cimento de ser  
(É terminantemente indicado  
Também  
Cultivar peixes no telhado)  
Pois eis que voga  
Intransponível  
O rito cadenciado das desilusões

## **Abril**

A comunhão das flores não chega aos olhos  
Cantam as gias do crepúsculo  
Epifanias úmidas de segunda a sábado  
(Domingo elas dormem debaixo dos bancos de igreja)  
Meninos flutuam sobre os muros escolares  
Garotas escrevem cartas no sol  
Há sempre pequenas laranjas  
Frias  
Lembrando de mim na mesa da cozinha

## **Mai**

Jujubas no arco-íris  
Quase sempre é manhã  
Filas de braços colhendo futuro  
Contra o couro afiado das horas

Gigante o fim daquele sonho  
O valor inventado de tudo cospe na alma da gente  
O amor  
Contudo branco  
Desliza no fio da tentativa  
E semeia contra o mármore  
E beija contra o vácuo  
E sangra contra o pecado  
Sobre os círios gastos  
Deus cogita

## **Junho**

Essas noites de bandeirolas penduradas na lua...  
Vagalumes morrendo em ascensão  
Nas entranhas de quintais terrosos  
Antediluvianos  
Véspera de tudo  
É a primeira consciência do tempo  
Quase hora de inverter o turno  
Estocar as cinzas  
Engavetar as ausências  
Pôr na fervura  
Os ossos  
E os nossos

## **Julho**

Tecem rotas os filhos da Estrela  
Bailarinos em branco e preto  
Grandes dentes talhados nas gengivas  
Carnes e vivas!  
É sempre o mesmo canto que escutam

A mesma sereia em fervura

Dormem todos no intervalo dos chacais

No silêncio antes do trovão

Seus pensamentos duros

Exatos

Esperam

(Velhas nuas engelhadas; vácuo acariciando o coração; mares engolindo Deus)

Tecem ritos

Os filhos em branco e preto

Os bailarinos da Estrela

## **Agosto**

Anti-húmus

Réquiem-flora

Pés tardios

Terra nos olhos

Burca

## **Setembro**

Tardes inteiras de gramado em fumo

Crianças eufóricas rolam sobre eternas dezesseis horas

Seios brancos

Por baixo do vestido branco

Roçam

Saudades inventadas

Pode ser amarela a melancolia?

É que em setembro

Não lembro

## **Outubro**

Estranho pensar que falta tão pouco

Que é avançada a gangrena  
Que o filho vai  
Velho  
Enlouquecido pela vereda do mundo  
Sem Deus nem mãe...  
Ainda ontem me ouvia os pedidos  
Ainda ontem me dormia nos braços  
Ainda ontem não sabia de escolhas  
Ausência de ligamentos  
Dobras sem lubrificação  
Útero tardio

## **Novembro:**

Na urgência das provas finais  
Automóveis esbaforidos comprometem o tráfego  
Confundem os projetos que ainda entopem as gavetas  
As veias  
Juntas atravancam a fluidez das esquinas  
(Cancro nos olhos  
Areia sob os calcanhares  
Mofo irrompendo contra as horas  
Teias entre os brechas dos dias)

## **Dezembro:**

Lembrar é factível  
Não se olha mais para diante  
Mas para o fio perdido  
Para o erro tatuado  
Para a calçada enlameada e limosa  
Para os dragões já crescidos, indomados  
Para o bebê amarelecido na fotografia

É tempo de pedir habeas corpus  
Solicitar décimas segundas chances  
Cravar no calendário roído os desejos negligentes  
A não realização dos passos circulares  
Do relógio sem molas nem acúmulo  
Da razão vazia riscada de água na pele quente e seca  
Dormimos envoltos em plástico  
E saudade embalada em papel filme  
As jugulares expostas para as manhãs resfriadas de anteontem  
Que de novo  
Vêm